

A criança generalizada: sintoma, gozo e discursos na contemporaneidade¹

Andréa Hortélio Fernandes

Resumo

O artigo propõe que o tema da criança generalizada é um convite aos psicanalistas para o exame do sintoma e do gozo na psicanálise, por meio dos discursos. Toma como premissa que a responsabilidade sobre o gozo deve ser entendida como um possível produto de uma psicanálise, no sentido de que essa possa franquear o sujeito saber fazer (*savoir-y-faire*) com o sintoma, entendido como a maneira como cada um goza do inconsciente, uma vez que o inconsciente determina, por um trabalho pela fala, dos ditos ao dizer. Defende que, com a expressão “a criança generalizada”, Lacan talvez quisesse destacar a dimensão do gozo própria ao falasser que o discurso capitalista foraclui, ao não considerar que o sintoma expressa a posição subjetiva de cada ser falante diante do modo como cada sujeito se relaciona com o Outro como lugar do código da linguagem.

Palavras-chave:

Criança generalizada; Gozo; Sintoma; Discursos.

The generalized child: symptom, jouissance and discourses in the contemporaneity

Abstract

The article proposes that the theme of the generalized child is an invitation to psychoanalysts to examine the symptom and jouissance in psychoanalysis, through discourses. It assumes as a premise that responsibility for jouissance should be understood as a possible product of an psychoanalysis, in the sense that this can enable the subject to deal (*savoir-y-faire*) with the symptom, understood as the way in which each person jouis the unconscious, to the extent that the

¹ Este artigo foi elaborado a partir da apresentação feita pela autora na 3ª Mesa Preparatória do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), dedicada ao tema “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”, realizada no dia 8 de setembro de 2024 com transmissão *online*.

unconscious, through work through speech, through sayings in the act of saying. It argues that with the expression “the generalized child”, Lacan perhaps wanted to highlight the dimension of *jouissance* that is specific to *parlêtre* that capitalist discourse forecloses, by not considering that the symptom expresses the subjective position of each speaking being in relation to the way in which each subject relates to the Other as a place of the language code.

Keywords:

Generalized child; *Jouissance*; Symptom; Discourses.

El niño generalizado: síntoma, goce y discursos en la contemporaneidad

Resumen

El artículo propone que el tema del niño generalizado es una invitación a los psicoanalistas a examinar los síntomas y el goce en el psicoanálisis, a través de los discursos. Se toma como premisa que la responsabilidad por el goce debe ser entendida como un producto posible de un psicoanálisis, en el sentido de que ésta puede franquiciar al sujeto el trato (*savoir-y-faire*) con el síntoma, entendido como el modo en que cada persona goza del inconsciente, en la medida en que el inconsciente determina, por el trabajo a través de la palabra, de los dichos al decir. Sostiene que con la expresión “el niño generalizado”, Lacan tal vez quiso alertar sobre la dimensión del propia del ser hablante que el discurso capitalista forcluye, al no considerar que el síntoma expresa la posición subjetiva de cada ser hablante en relación con el modo en que cada sujeto se relaciona con el Otro como lugar del código del lenguaje.

Palabras clave:

Niño generalizado; Goce; Síntoma; Discursos.

L'enfant généralisé : symptôme, jouissance et discours dans la contemporanéité

Résumé

L'article propose que le thème de l'enfant généralisé soit une invitation aux psychanalystes à examiner les symptômes et la jouissance en psychanalyse, à travers des discours. Il part du principe que la responsabilité de la jouissance doit être comprise comme un produit possible d'une analyse, dans le sens où celle-ci

peut permettre au sujet de savoir-y-faire avec son symptôme, compris comme la manière dont chaque personne jouit de l'inconscient, dans la mesure où l'inconscient détermine, par un travail par la parole, des dits aux dires. Il soutient qu'avec l'expression « l'enfant généralisé », Lacan a peut-être voulu mettre en évidence la dimension de jouissance propre au parlêtre que le discours capitaliste forçât, en ne considérant pas que le symptôme exprime la position subjective de chaque être parlant par rapport à la manière dont chaque sujet se rapporte à l'Autre comme lieu du code du langage.

Mots-clés :

Enfant généralisé ; Jouissance ; Symptôme ; Discours.

A expressão “criança generalizada” encontra-se no texto da “Alocução sobre as psicoses da criança”, de Lacan (1968/2003). Com ela, Lacan talvez quisesse chamar a atenção para a dimensão do gozo própria ao falasser, tendo em vista que uma psicanálise pode permitir o sujeito saber fazer (*savoir-y-faire*) com o sintoma. Isso porque, nos anos 1970, Lacan apresenta a definição do sintoma estreitamente interligada com o inconsciente, ao atrelar a posição subjetiva de cada ser falante ao modo como cada sujeito goza do inconsciente, na medida em que o inconsciente determina. Inconsciente a ser lido como Outro, lugar do código da linguagem, donde o saber se revela um meio de gozo.

Portanto, o tema da criança generalizada convida os psicanalistas ao exame da dimensão do gozo e do sintoma por meio dos discursos, na psicanálise em intenção e em sua extensão na pólis.

A sexualidade humana tem papel fundamental na origem da psicanálise, e a entrada na linguagem tem por resultado restringir a liberdade de gozo do ser vivo, implementando um modo de “satisfação às avessas” (Lacan, 1957-1958/1998, p. 331), mais tarde definido como gozo por Lacan. O gozo retrata a posição subjetiva de cada ser falante ante o Outro como lugar do código da linguagem.

O ser humano traz a incidência do gozo como ser vivo e também na profusão da língua e no polimorfismo passional. Com a entrada na linguagem, a humanização leva a uma perda de gozo, que cada um tende a buscar reaver por caminhos tortuosos e, muitas vezes, sintomáticos. Eles podem vir a interrogar o próprio sujeito, que, assim, constitui oráculos que possam auxiliá-lo a encontrar respostas sobre sua participação no destino que traça para si.

A dimensão do gozo permite desvelar o tratamento dado ao sintoma pelos discursos na contemporaneidade. Em uma psicanálise, a responsabilidade sobre o gozo estaria no horizonte, na medida em que ela pode fraquear ao sujeito lidar (*savoir-y-faire*) com o sintoma, visto que esse desvela como cada um goza do in-

consciente, uma vez que o inconsciente determina, a partir do trabalho pela fala, dos ditos ao dizer.

Desde os “Estudos sobre a histeria”, Freud (1895/1976) revela como a linguagem é determinante no fato de que somente *a posteriori* o sujeito consegue subjetivar o que incide sobre ele como traumático. A linguagem tem papel fundamental nesse processo, o que faz dela condição do inconsciente, ao mesmo tempo que o sintoma, para a psicanálise, é uma formação do inconsciente.

O sintoma histérico ensinou o tratamento pela fala como forma de o sujeito ter acesso ao material recalcado, material que mantinha relação com a sexualidade. O sintoma de conversão histérica fazia anteparo à angústia, e a psicanálise surge tendo como missão fazer falar a angústia. Ao analista cabe, desde então, orientar-se por uma ética que crie condições de o analisando bem dizer o sintoma, e, para tanto, o analista não pode se furtar a manejar a angústia e o gozo singular a cada sujeito.

Na “Alocução sobre as psicoses da criança”, Lacan (1968/2003, p. 362) esboça o que acabei de apresentar na última frase, ao dizer que “Freud repôs o gozo em seu lugar, que é central, para apreciar tudo o que podemos ver atestar-se, ao longo da história, de moral”.

Um ano mais tarde, Lacan (1969/2001) adverte que a psicanálise tem uma posição de extraterritorialidade em relação à medicina. Tal fato fundante da psicanálise também foi enfatizado por Lacan diversas vezes, e, ainda, revela-se necessário colocar o holofote sobre ele. A razão disso é que existem diferentes modos de dar tratamento ao gozo, conforme os discursos.

A psicanálise se ocupa do gozo que não é tratado pela medicina, logo ela lida com o corpo pulsional, o corpo falante. A definição de falasser advém daí, pois conjuga o significante e o gozo, o que se expressa no matema da fantasia, $\$ \diamond a$, e em sua operatividade em uma psicanálise. Isso permite afirmar que os diagnósticos médicos psiquiátricos não se atêm ao sujeito da psicanálise.

É interessante notar que, no final das jornadas sobre as psicoses da criança, Lacan chama a atenção para o fato de que, em dois dias de trabalho dedicados ao tema, tenham sido feitas “raras” referências a um dos termos a seguir: “relação sexual (...), inconsciente e gozo”. Mas adverte que “isso não quer dizer que a presença deles não (...) tenha comandado, invisível” (Lacan, 1968/2003, p. 362).

Ele vai explicitar o que disse, ao se dedicar ao tema das psicoses, da loucura e das instituições na “Alocução sobre as psicoses da criança”. Lacan (1968/2003) sustenta que o tema em questão evoca, com bastante constância, a liberdade. Por quê? De pronto, somos levados a pensar na lógica manicomial e na restrição de liberdade. Para além dessa problemática, Lacan tem um horizonte maior, ao denunciar que o avanço do progresso tecnocientífico repercute, nas estruturas sociais, para além do domínio dos psiquiatras.

A explicação para isso é que há uma “destruição de uma antiga ordem social” (Lacan, 1968/2003, p. 360). De fato, com o tempo moderno, não há mais o Outro com pretensão universal, donde surge uma crise de autoridade, predominando, cada vez mais, a relação com os *gadgets* ordenada pelo discurso capitalista. Contudo, isso não elimina, para o ser falante, a anterioridade lógica do Outro na constituição do sujeito, como o demonstra o discurso do mestre, discurso da instauração lógica do inconsciente, pelo qual um significante representa um sujeito para outro significante. A alienação aos significantes que os sujeitos recebem do Outro é uma escolha forçada, e isso tem efeitos.

É preciso ressaltar que, além da alienação, outra operação constitutiva entra em jogo no advir do sujeito. Desta feita, o sujeito advém como resultado do que subtrai, pela demanda e pelo desejo, do campo do Outro. Já argumentara Lacan (1960/1998, p. 820) que o sujeito advém no sentido retroativo, decorrendo daí que sua enunciação “só fecha sua significação com seu último termo”, o matema do $S(A)$.

Isso faz com que a lógica significante seja descompletada, “pelo fato de que o sujeito só se constituiu ao se subtrair dela e ao descompletá-la essencialmente, por ter, ao mesmo tempo, que se contar ali e desempenhar uma função apenas de falta” (Lacan, 1960/1998, p. 821). Tem-se aí a causa objetual e significante do sujeito, conforme expressa a fantasia, $\$ \diamond a$.

É pela fantasia que Lacan trabalha essa questão no texto da “Alocução sobre as psicoses da criança”, uma vez que, na experiência de fala, o real “só surge como virtualidade” (Lacan, 1968/2003, p. 364). Assim, para ele, “o valor da psicanálise está em operar sobre a fantasia” (Lacan, 1968/2003, p. 364). E, sendo “a fantasia o enquadre da realidade” (Lacan, 1968/2003, p. 364), de todo modo, é pela lógica significante que a realidade psíquica é considerada, de sobremaneira, na psicanálise. No texto, isso é esclarecido com a frase “é preciso um bocado (...) de devastações exercidas pelo significante para que esteja em jogo a realidade” (Lacan, 1968/2003, p. 364), o que nos traz à mente o texto “A perda da realidade na neurose e na psicose”, de Freud (1924/1976).

Esse percurso traz à memória o texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” no qual Lacan (1956/1998, p. 555) enuncia que “o estado do sujeito (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro”. E, na “Alocução sobre as psicoses da criança” (Lacan, 1968/2003, p. 364), ele diz que “se julga” “o grau de sucesso” da psicanálise ao operar sobre a fantasia pela forma como o sujeito se assujeita ao Outro, na neurose, na psicose ou na perversão.

Isso permite pensar que a relação do sujeito com a linguagem e com o gozo respeita o laço com o Outro como lugar do código da linguagem. Assim, na psicanálise, desde Freud, nenhum Outro pode vir a responder como tesouro dos significantes. Quando o Outro é solicitado a responder pelo valor desse tesouro,

ele o faz em termos de pulsão (Lacan, 1960/1988), como um eco no corpo “do fato de que há um dizer” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 18).

Desde o grafo do desejo, Lacan (1960/1998, p. 833) diz que a cadeia significante fecha sua questão no matema $S(A)$: “a falta de que se trata é a de que não há Outro do Outro”, pois nada poderá tamponar essa falta estrutural da causação do sujeito.

Logo, o que a psicanálise faz é operar a partir da falta com o objeto *a* causa de desejo: “objeto que exige a retomada de todo o discurso sobre a causa” (Lacan, 1968/2003, p. 364), de que aqui foi apresentado apenas um recorte.

Lacan (1968/2003, p. 364) volta-se, então, para analisar como outros discursos lidam com “as devastações exercidas pelo significante”, ressaltando, mais uma vez, que elas “devem ser apreendidas, bem temperadas, no *status* da fantasia”. Isso vai na direção contrária do que se faz na pedagogia, no sentido de uma adaptação às instituições.

Tal tópico permite que seja colocado em perspectiva que a clínica psicanalítica se fundamenta na forma como cada sujeito se insere na linguagem, donde a dimensão de gozo está presente desde o início, com a noção de *fallasser*, que faz jus à incidência do saber de alíngua no corpo vivo. E Lacan, na lição de 15 de novembro de 1977 de seu seminário “Le moment de conclure” (Lacan, 1977-1978), deixa entrever isso, quando diz que a psicanálise é o tratamento que permite “desfazer pela fala o que foi feito pela fala” (tradução nossa).

Muitas vezes, a prática clínica da psicanálise necessita cavar o lugar de sujeito de uma criança no seio familiar para daí poder operar sobre a fantasia do sujeito. De início e na melhor das hipóteses, as crianças carregam as projeções fantasmáticas dos pais. Elas sofrem a incidência de um desejo não anônimo (DNA) (Cruz, 2017). Entretanto, esse DNA não está posto desde sempre com o nascimento dos bebês. É preciso tempo, dado o fato de que esse desejo conta com o mal-entendido da linguagem, dos desejos e dos gozos, no qual são gerados todos os seres falantes.

No trabalho com o desenho infantil, é possível tomá-lo como um produto da criança, como algo com que ela pode se fazer representar como sujeito. Assim, após fazer um croqui de um desenho com uma caneta esferográfica, uma criança pinta com tinta guache por cima. Como não esperou secar e o leva com ela ao terminar a sessão, a tinta escorre, e ela retorna aos prantos. Cabe, então, à analista marcar o escrito que ali permanecia como um traço, uma inscrição do sujeito, com o que a criança parte para voltar na próxima sessão.

Sobre “Mal-entendido”, Lacan (1980) declara que ele próprio é um “traumatizado do mal-entendido”, pois “o verbo é inconsciente ou mal-entendido”. Ele segue dizendo que a psicanálise explora o mal-entendido tendo por revelação a fantasia. Na clínica psicanalítica, os sujeitos vão explorar o fato de terem nascido do mal-entendido, inerente a cada ser falante. Isso permite que construam sua neurose

infantil para além dos ditos dos arautos, dos representantes, do Outro e, assim, atestam que não há Outro do Outro.

É preciso tempo, e, nesse percurso, quando se trata de crianças, a escola pode questionar a dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita. Pode, inclusive, questionar qual a linha em que é realizado o trabalho clínico da criança. Sustentar o desejo de analista é criar condições para que a criança venha bem dizer seu sintoma, o que, muitas vezes, não caminha *pari passu* com a alfabetização. Em paralelo, o analista maneja a transferência dos pais naquilo que eles trazem de atualização de suas fantasias, ao longo do tratamento da criança. É evidente que, se os pais realizam também um tratamento, facilita o trabalho da criança, permitindo-lhe criar sua neurose infantil.

É importante pensar também a extensão da psicanálise na educação, por exemplo, com o acompanhamento terapêutico em escolas. O acolhimento de uma criança ou adolescente com o espectro ou o diagnóstico de autismo vem sendo realizado pelas escolas, condicionado, em geral, à presença de um acompanhante terapêutico. Em certa medida, esse trabalho, que envolve muitos atores, visa a minorar os estigmas da exclusão.

O acompanhamento terapêutico, orientado pela psicanálise, pode vir a assegurar um lugar para o ser falante, sendo isso imprescindível à inclusão, o que ocorre a partir da forma como o sujeito se insere na linguagem e lida com ela. No autismo, com frequência, isso acontece por ecolalia e por neologismos em que holófrases são constantes. Aos poucos, o sujeito vai expandindo seu vocabulário, havendo, concomitantemente, a extensão de sua libido, que também amplia sua circulação no espaço físico da escola, com certa autonomia.

Esse trabalho permite vislumbrar algo acerca da posição subjetiva do sujeito ante o Outro da linguagem e certo reposicionamento de gozo no trato do corpo, da sexualidade e da morte, diante das intempéries, por exemplo. A escola, entretanto, pode ressentir-se da presentificação do sujeito pela linguagem e inquietar-se sobre o fato de ele estar falando muito. Quando dirigida à família uma demanda de silenciamento do sujeito, ela é acompanhada pelo incentivo do uso contínuo de medicação psiquiátrica para controle do estigma da agressividade, presente no passado.

Aí, é possível localizar “a criança generalizada fruto do casamento infernal da tecnociência com o mercado que define um tipo de laço social particular, denominado por Lacan de discurso capitalista” (Sauret, 2005, p. 27, tradução nossa). A ética do bem-estar social, aí distorcida de forma perversa, tende a forcluir o sujeito.

“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?” — pergunta Lacan (1968/2003, p. 367) ao final da “Alocução sobre as psicoses da criança”. O analista que experimentou os efeitos de uma análise em seu trato com o inconscien-

te estruturado como uma linguagem, na tentativa de lidar com o real que ex-siste, é convocado a sustentar um desejo inédito de que uma análise tenha uma direção ética que leve em conta o gozo, para que cada analisando possa bem dizer seu sintoma.

Referências bibliográficas

- Cruz, S. V. O. (2017). *A adoção e o desejo não anônimo na psicanálise em meio às vicissitudes do sintoma da criança na estrutura familiar*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia. Brasil. Recuperado em 15 de fevereiro, 2025, de <https://pospsi.ufba.br/en/search/node/Shim%C3%AAnia>
- Freud, S. (1976). Estudos sobre a histeria. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1976). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud. *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 227-234). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Lacan, J. (1977). Le moment de conclure. In J. Lacan. *Le séminaire 25, 1977/1978*. (Leçon du 15/11/1977). Inédito. Recuperado em 10 de março, 2025, de <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf>
- Lacan, J. (1980). Le mal-entendu. In J. Lacan. *Le séminaire:10/06/1980*. Inédito. Recuperado em 18 de março, 2025, de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1980.06.10.pdf>
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2001). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, (32), 8-14. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1968)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)

Sauret, M.-J. (2005). L'enfant branché. *Revue La Clinique lacanienne*, 10(2), 21-33.
Recuperado em 12 de março, 2025, de <https://www.cairn.info/revue-la-clinique-lacanianne-2005-2-page-21.htm>

Recebido: 27/04/2024

Aprovado: 17/05/2024